

## NOTAS SOBRE DOIS DIALETOS DO MUNDURUKU

MARJORIE CROFTS

Summer Institute of Linguistics, Belém, Pará

Embora mutuamente intelegíveis, as variedades de Munduruku faladas na aldeia de Coatá, no rio Canumã, e na aldeia de Cabruá, no Cururu, constituem dialetos distintos, como se evidencia por uma quantidade de diferenças. As mais notáveis destas são de natureza gramatical e compreendem o uso freqüente de ideofones e de nomes complexos no dialeto do Cururu, os quais são pouco ou nada usados no dialeto do Canumã. Também há diferenças no inventário lexical e na pronúncia.

A maioria dessas diferenças parece resultar de mudanças operadas no dialeto do Canumã, no sentido de aculturação ao português. Estas incluem certamente (a) a perda de ideofones, de construções nominais complexas, de termos de parentesco vocativos e de palavras de resposta; (b) a aceitação de maior número de empréstimos do português. Há, entretanto, outras

mudanças, cujo sentido não é tão seguro.

### 1. DIFERENÇAS GRAMATICAIS

Os ideofones do dialeto do Cururu constituem uma classe de morfemas verbais não flexionados. Muitos deles são onomatopéicos; outros são formas abreviadas de verbos normais. São análogos a morfemas portugueses como 'tximbum' em: 'Tximbum! caiu dentro do rio!', ou 'xuá' em 'Xuá! jogou um balde d'água em cima dele!' Mas no dialeto Munduruku do Cururu eles são usados com muita freqüência: já deparamos com seqüências de até cinco frases constituídas quase exclusivamente de ideofones. Os ideofones exemplificados a seguir são tomados a uma lista de mais de setenta encontrados até agora em textos naturais.

Em cada exemplo, com exceção do f), é apresentado primeiro o ideofone com seu significado e, em seguida, um exemplo em contexto.

- a) t+k<sup>14</sup> ideofone para 'deitar-se'  
t+k<sup>14</sup>, o<sup>32</sup>se<sup>3</sup> 'zás, deitou-se'
- b) wɪdn<sup>23</sup> ideofone para 'atirar' (madeira)  
wɪdn<sup>23</sup>, yak<sup>3</sup>pi<sup>3</sup>da<sup>2</sup> be<sup>3</sup> 'vu, contra sua nuca'
- c) tã<sup>23</sup> ideofone para 'bater'  
tã<sup>23</sup>, yak<sup>3</sup>pi<sup>3</sup>da<sup>2</sup> be<sup>3</sup> 'pá, contra sua nuca'
- d) w+p<sup>32</sup> ideofone para 'correr embora'  
w+p<sup>32</sup>, o<sup>3</sup>je<sup>2</sup>na<sup>2</sup>põn<sup>2</sup> 'fugiu'
- e) pe<sup>2</sup>reh<sup>23</sup> forma abreviada de 'acabar'  
pe<sup>2</sup>reh<sup>23</sup>, o<sup>3</sup>je<sup>2</sup>pe<sup>3</sup>re<sup>3</sup> ip<sup>2</sup> 'pronto acabaram'
- f) (1) t+p<sup>31</sup> (2) je<sup>3</sup>ren<sup>34</sup> (3) m+t m+t m+t m+t m+t, w+y<sup>3</sup>je<sup>2</sup>y+t<sup>3</sup> i<sup>2</sup>o<sup>3</sup>e<sup>2</sup>  
(4) ko23 (5) jay<sup>23</sup>

(1) ideofone para 'esperar', (2) ideofone para 'chegar', (3) ideofone para 'gente conversando' (repetido cinco vezes, seguido de 'a gente diz'); (4) ideofone para 'indo para a água', (5) ideofone para 'chegar'.

O uso freqüente destes ideofones no dialeto do Cururu produz um

efeito de conjunto muito diferente do dialeto do Canumã.

*Construções nominiais complexas* (formadas de orações nominalizadas) são muito raras no dialeto do Canumã, mas freqüentes no do Cururu.

- a) wa<sup>3</sup>en<sup>3</sup> t+k<sup>3</sup>a<sup>2</sup> be<sup>3</sup>at<sup>2</sup>  
forno casa em nominalizador 'o que está na casa do forno'
- b) we<sup>3</sup>šik<sup>2</sup>a<sup>3</sup> de<sup>4</sup>dem<sup>4</sup>-a<sup>2</sup>- y+t<sup>3</sup>  
batatas raspar nominalizador plural 'raspadores de batatas'
- c) ka<sup>3</sup>ro<sup>2</sup>dap m+t<sup>2</sup>- ñe<sup>2</sup>ñe<sup>2</sup>- t<sup>3</sup>kat<sup>2</sup>  
capacetes causativo fazer nominalizador 'o que faz capacetes'

O dialeto do Canumã apresenta poucas variedades na ordem das palavras dentro da oração; em todo o material disponível o sujeito uni-

formemente precede o predicado. No dialeto do Cururu é possível maior variedade: de 248 orações com sujeito livre e predicado, em 78 o sujeito segue o predicado, i. é, em aproximadamente um terço.

2. DIFERENÇAS LEXICAIS

As diferenças lexicais são de cinco tipos distintos: empréstimos do português, limitações de vocabulário, diferentes formas para o mesmo significado, diferentes significados para a mesma forma, e diferentes idiotismos.

Os falantes de Munduruku no Canumã estão quase completamente aculturados e todos falam bem o português. Não é de surpreender, portanto, que seu dialeto incorpore muito mais empréstimos do Português que o dialeto do Cururu. Há, porém, alguns empréstimos do português correntes no Cururu, os quais correspondem a palavras nativas no dialeto do Canumã. Na seguinte lista de exemplos típicos, sublinhamos os empréstimos do português:

Português	Canumã	Cururu
a) pote	po <sup>3</sup> ce <sup>3</sup> — 'a <sup>2</sup> redondo	i <sup>3</sup> di <sup>3</sup> bi <sup>3</sup> m+n <sup>3</sup> — 'a <sup>2</sup> água recipiente redondo
b) mestre	mes <sup>2</sup> te <sup>3</sup> ri <sup>3</sup>	i <sup>3</sup> — tay <sup>3</sup> bi <sup>2</sup> — cat <sup>2</sup> êle sabe nominalizador
c) mesa	me <sup>2</sup> za <sup>3</sup>	je <sup>3</sup> kõn <sup>3</sup> kõn <sup>3</sup> — ap <sup>2</sup> comer nominalizador
d) gelo	je <sup>2</sup> lo <sup>3</sup> — 'a <sup>2</sup> redondo	ti <sup>2</sup> — c+t <sup>3</sup> k <sup>3</sup> — at <sup>2</sup> água fria nominalizador
e) vela	ra <sup>3</sup> ša <sup>2</sup> — b+t <sup>3</sup> b+t <sup>3</sup> fogo dedo	ce <sup>2</sup> ra <sup>3</sup> — b+t <sup>2</sup> cera dedo
f) arroz	wa <sup>3</sup> te <sup>3</sup> i <sup>2</sup> ra <sup>3</sup>	a <sup>3</sup> hoy <sup>2</sup> — da <sup>3</sup> semente

O dialeto do Canumã parece ter algumas limitações de vocabulário quando comparado com o do Cururu. Os seguintes exemplos são típicos:

a) Os termos de parentesco vocativos são a forma normal de tratamento no Cururu, mas não são mais usados no Canumã, onde todos os índios se chamam pelos seus

nomes portugueses. b) Palavras funcionais em uso no Cururu, mas não no Canumã, incluem o clítico interrogativo  $-t \dot{+} / -d \dot{+}$ , as palavras de resposta ap 'não' e  $p \dot{+}$  'assim é', e o clítico aca 'mas, porém', como na frase:  $aoy \dot{+} kom \dot{+} p \dot{+} dairam \dot{n} \dot{+}$ ,  $añukatkay \dot{+} aca$  'as mulheres não plantam timbó, mas os homens (sim)'

Palavras de conteúdo que são usadas no Canumã, mas não no

Cururu, são em geral os nomes de plantas e animais que não vivem na última região, ou são nomes de elementos culturais não usados lá:

$bē^3 rē^3 bā^{2?} ā^3 n \dot{+} n^2 t \dot{+} p^3$  'peixe fuso';  $o^3 r^3 k \dot{+} n^2$  'tajoba (fruta)';  $m \dot{+} n^3 ta^2$   $m \dot{+} n^3 ta^2$  'escada';  $ca^3 kñn^{2?} a^3$  'peneira de palha, cesta'.

As diferenças formais dos elementos lexicais nos dois dialetos variam de desvios fonêmicos mínimos a palavras completamente diferentes:

Português	Cururú	Canumã
a) faca	$ki^3 sē^2$	$ki^3 se^2$
b) padre	$pā^3 i^2$	$pa^3 i^2$
c) rede	$\tilde{+}^3 r \tilde{+}^3$	$i^3 r \tilde{+}^3$
d) primeiro, primogênito	$ko^3 ap^2$	$ka^3 wap^2$
e) muito	$jī^2 jā^2$	$ja^2 ja^2$
f) chefe	$tu^3 ša^2$	$tu^3 šaw^2$
g) igual a	$-ju^{3?} i^2$	$-cedn^2 ma^3$
h) farinha	$o^{3?} i^2$	$šin$
i) coruja	$o^{2?} o^{2?} a^3$	$ko^3 kek^{3?} a^2$

Há outros casos, nos quais formas idênticas apresentam diferentes significados nos dois dialetos:

Forma Munduruku	Significado do Cururu	Significado do Canumã
a) $i^3 m \dot{+}^3 we^{3?} \dot{+} t^2 - i^n$	'dividir entre os membros da comunidade'	'separar (como a clara da gema do ovo)'
b) $i^3 ta^3 wa^2 r \dot{+}^3$	'seu ôlho e diferente'	'espantado, admirado'
c) $-okek$	'sujo'	'velho'
d) $-koom$	'sujo'	'insípido'

Algumas diferenças lexicais entre os dialetos parecem ser, na realidade, diferenças de idiotismos: 'por do sol' é, no dialeto do Canumã, a bign bign 'o sol está se pon-do', mas no dialeto do Cururu é  $je^3 pa^{2?} \tilde{+} m^2 \tilde{+} m^2$  'o sol está desaparecendo'.

### 3. DIFERENÇAS FONOLÓGICAS

As diferenças fonológicas entre os dois dialetos incluem um fonema adicional /d/ no dialeto do Cururu, algumas diferenças em alofones e uma ou duas diferenças na distribuição de fonemas.

A oclusiva alveolar sonora [d] é alofone de /t/ no dialeto do Canumã. No do Cururu este fone é analisado como um fonema distinto, apesar de se achar em distribuição quase complementar com os fonemas /r/ e /n/: /n/ ocorre no início de tema diante de vogais nasais; o alofone [l] de /r/ ocorre entre vogais anteriores altas em posição não inicial de tema, e o alofone [r] de /r/ ocorre nas demais situações. Entretanto, parece não haver condicionamento fonológico dos fonemas em posição inicial de tema. Todos os temas que começam por /d/ no dialeto do Cururu, iniciam-se com /r/ no dialeto do Canumã.

As principais diferenças alofônicas verificam-se nas oclusivas e no fonema /r/. No dialeto do Cururu,

mas não no do Canumã, há aspiração facultativa das oclusivas diante de pausa. /r/ tem alofones pré-vocalizados e nasalizados em ambos os dialetos; mas o dialeto do Cururu tem, além disso, um alofone lateral que ocorre entre vogais anteriores ou centrais altas:

$o^3 ba^4 - si^2 li^2$  'meu polegar';  $je^3 w \dot{+} l \dot{+} n^2 w \dot{+} l \dot{+} n^2$  'despertar'.

O fonema /h/ tem no dialeto do Cururu uma distribuição mais ampla que no do Canumã: êle ocorre não só diante de pausa, mas também no início da palavra. Nessa posição, serve para enfatizar palavras que normalmente começam com vogal. Por exemplo, perguntando-se a um índio do Cururu como se diz "machado", êle responde  $o^3 a$ ; mas, se lhe pedirmos para repetir, dirá  $ho^3 a$ .

Um outro indicador de ênfase no dialeto do Cururu é uma oclusiva glotal no fim da oração, a qual é detida e em seguida explodida audivelmente.

### RESUMO

São descritas, nesta comunicação, as principais diferenças observáveis entre dois dialetos da língua Munduruku (aparentada com o Tupi), o do rio Canumã (aldeia de Coatá, Estado do Amazonas) e o do rio Cururu (aldeia de Cabruá,

alto Tapajós, Estado do Pará). Trata-se sobretudo de diferenças de natureza gramatical, mas também de ordem lexical e fonológica, a maioria das quais parece resultar de mudanças devidas à aculturação ao português, ocorridas no dialeto do Canumã. Este dialeto é falado numa aldeia de cerca de 350 índios, cuja maior parte só fala o português; muito poucos indivíduos ainda usam o Munduruku. Entre as diferenças certamente devidas à aculturação, estão (a) a perda de ideofones, de construções nominais complexas, de termos de parentesco vocativos e de palavras de resposta; (b) a aceitação de maior número de empréstimos do português.

São apresentadas primeiro as diferenças gramaticais, exemplificando-se a ocorrência freqüente de ideofones no dialeto do Cururu, em contraste com sua quase completa ausência no do Canumã, e alguns casos de construções nominais complexas, igualmente freqüentes no Cururu e raras no Canumã. Também é assinalada a maior variedade na ordem das orações no dialeto do Cururu.

Quanto às diferenças lexicais, exemplificam-se os empréstimos do português, muito mais comuns no dialeto do Canumã que no do Cururu. Assinalam-se limitações de vocabulário evidentes no dialeto do Canumã quando comparado com o

do Cururu, incluindo dois casos típicos: (a) os termos de parentesco vocativos, substituídos no Canumã pelos antropônimos portugueses; (b) palavras funcionais em uso só no Cururu, incluindo um clítico interrogativo, duas palavras de resposta ('não' e 'assim é') e um clítico adversativo. Mencionam-se diferenças devidas à ocorrência no Canumã de palavras de conteúdo que designam plantas, animais ou objetos inexistentes no Cururu. Dão-se exemplos de diferenças formais entre elementos lexicais dos dois dialetos, as quais variam de desvios fonêmicos mínimos a palavras completamente distintas, assim como se exemplifica também a ocorrência de diferentes significados para a mesma forma. Por fim, exemplificam-se algumas diferenças lexicais que na realidade são diferenças de idiotismos.

Em último lugar, são tratadas as diferenças fonológicas, entre as quais se incluem a ocorrência de um fonema adicional /d/ no dialeto do Cururu, algumas diferenças em alofones e uma ou duas diferenças na distribuição de fonemas.

#### Notas

1. O Munduruku, língua aparentada com o Tupi, é falada por cerca de 1.200 habitantes do alto Tapajós e de seus tributários, no Estado do Pará. O dialeto do Cururu é o principal dialeto deste grupo. Perto de 350 índios Mun-

duruku vivem no rio Canumã, no Estado do Amazonas. A maioria deste grupo fala português; haverá apenas uns seis ou oito adultos que ainda usam sua própria língua. Os dados para esta comunicação foram colhidos pela autora numa série de viagens ao Canumã entre fevereiro de 1961 e outubro de 1962 e ao Cururu durante os anos de 1962 e 1965. O trabalho foi todo realizado sob os auspícios do S.I.L., de conformidade com convênios com o Museu Nacional do Rio de Janeiro e com a Universidade de Brasília.

2. Os símbolos usados nos exemplos representam os seguintes fonemas: oclusivas surdas labial, alveolar, velar e glotal (p, t, k, ?); oclusiva sonora labial (b); oclusivas africadas alveopalatais surda e sonora (c, j); fricativas acanaladas alveolar e alveopalatal (s, ç); fricativa glotal (h); nasais labial, alveolar e velar (m, n, ŋ); flap alveolar (r); semivogais posterior arredondada e anterior não arredondada (w, y); vogais anteriores alta e baixa (i, e); vogais centrais alta e baixa vogal posterior arredondada (u).